

EVOLUÇÃO TÉCNICA EM OLIVICULTURA

JOÃO MOTA BARROSO
JOSÉ OLIVEIRA PEÇA
ANTÓNIO BENTO DIAS
ANACLETO CIPRIANO PINHEIRO
FRANCISCO LÚCIO SANTOS

TECNOLOGIAS CULTURAIS

A evolução dos sistemas de condução da oliveira

Embora na literatura clássica sobre esta espécie lenhosa a terminologia de sistemas de condução não seja muito comum, pensamos que a sua utilização se justifica plenamente pela analogia com o que se passa em outras culturas lenhosas, bem como por facilitar bastante a compreensão da maioria das práticas e técnicas culturais utilizadas ao longo dos tempos e que geralmente se justificam em função de uma perspectiva mais integrada da cultura. Assim, entendemos por sistema de condução não apenas a forma da copa dada às árvores, mas todas as componentes do sistema de cultivo que se consideram mais ou menos fixas durante a vida das mesmas, como o compasso, a orientação, a armação e manutenção do solo, o sistema de poda, a altura e forma da copa e o tipo de rega e fertilização, entre outros. De facto, embora a renovação da copa na oliveira seja uma condição indispensável à manutenção da sua boa produção, porque produz apenas em jovens ramos de um ano de idade, a sua elevada rusticidade e facilidade de cicatrização da sua madeira permitem muitas e diversas estratégias de gestão da copa, que são em geral consequência de outros factores de condução da cultura.

Olival tradicional disperso

O sistema mais tradicional de cultivar a oliveira, em toda a zona mediterrânica, correspondia a situações de árvores mais ou menos dispersas, cuja implantação não obedecia a nenhuma ideia de cultura continua propriamente dita, representando cada uma delas um objectivo cultural. Assim, elas podiam aparecer associadas a zonas de horta ou defesas mais ou menos protegidas, bordejando caminhos ou dividindo parcelas e propriedades. Podiam ainda ser o resultado da enxertia de zambujeiros selvagens, aproveitando a sua implantação natural. De comum, este sistema tinha o facto de possuir uma reduzida densidade, em geral menos de 70 árvores por ha, não representar uma utilização exclusiva do solo, estando associado a outras utilizações mais ou menos intensivas consoante as regiões, e não ser alvo de grandes cuidados na sua manutenção. A única operação cultural utilizada, para além da colheita dos frutos, era a poda da copa, em geral drástica, reduzindo a copa ao mínimo possível, e mesmo assim a sua prática dependia mais da oportunidade ou necessidade de utilização da sua lenha, que dum plano prévio e justificado da operação. Mais recentemente, estas árvores mesmo dispersas começaram a receber alguns tratamentos fitossanitários ocasionais, mas, devido à sua implantação muitas vezes em zonas inacessíveis e montanhosas, a grande maioria foi resistindo sem qualquer cuidado a esse nível. Grande parte deste olival está hoje abandonado, pela sua baixa produtividade e inviabilidade económica, e constitui uma reserva botânica e genética apreciável, sendo ainda um manancial apreciável para a utilização de velhas árvores, transplantadas para novos jardins e parques. As variedades mais comuns neste olival são rústicas e resistentes às pragas e doenças mais comuns, estando muito bem adaptadas a cada região. Em Portugal, a mais frequente é a Galega vulgar.

